



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Fernanda Botelho: O Enigma das Sete Alíneas (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

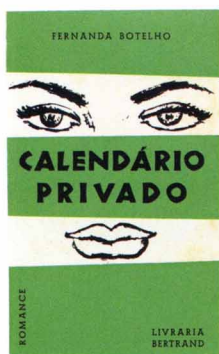
"Fernanda Botelho: O Enigma das Sete Alíneas (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 70.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



Conhecemos assim sempre mais do íntimo do que do visível pois, embora variando os processos narrativos de que usa, a autora coloca sempre um narrador (seja personagem principal ou seja heterodiegético mas com focalização interna e restritiva e recurso ao discurso indirecto livre), mesmo quando há vários, na indiscreta posição de partilhar com o leitor as mais privadas vivências da personagem, de um modo geral escondidas de todas as outras, ainda que, num ou noutro caso, pequenos movimentos no sentido da exposição se constituam como apelos à descoberta do oculto. Porém, com um sentido dramático conhecedor do valor do efeito de surpresa, algum pequeno pormenor é geralmente omitido, vindo a revelar-se fundamental para o desfecho um tanto inesperado de qualquer um dos romances. Apesar do acompanhamento do trabalho do tempo e da memória, uma paralipse<sup>3</sup> cria o mistério que mantém o leitor suspenso, revelando o domínio perfeito, por Fernanda Botelho, quer do que de mais inovador se faz em matéria romanesca e narrativa quer das mais tradicionais (mesmo que menos conceituadas) técnicas de contar e aprisionar o leitor ao desenrolar duma história, de que o exemplo paradigmático é o romance policial.

Esta espécie de «batota» na relação com o leitor, falseando a que o narrador mantém com o universo diegético, choca ainda mais, pela aparente incongruência, quando a focalização se mantém fixa, o início do discurso narrativo se processa *in ultimas res* e o exercício de memória de (re)construção da narrativa, por imbricação de analepses, passa por momentos em que a revelação se afigura imperativa, face ao desenlace, sem que, no entanto, ela seja feita.



Em *Calendário Privado*<sup>4</sup> encontramos o exemplo perfeito destes últimos aspectos: «Porque Manuel [...] era o desfecho, a cúpula de um edifício absurdo, condenado à destruição — a sua existência sem rumo definido, e dispersa.» (p. 11.) Assim reflecte Aninhas no início do romance, dando-nos a súmula, ainda incompreensível para o leitor, de um processo que o texto nos devolve através das múltiplas analepses de que se constrói. A decepção do final de percurso desta personagem, que fixou a pré-determinação do seu futuro no nome pronunciado por uma bruxa, tem tanto a ver com a falácia desse ponto de partida, que conhecemos, como com um aspecto da intimidade de Aninhas que nos foi cuidadosamente omitido e que dificilmente, com o que dela sabemos, poderia ser suposto.

«A verdade era exactamente essa: a Bruxa era o ponto de partida de tudo quanto depois acontecera, pois fora com ela que Manuel, encontrado largos anos mais tarde, começara a desempenhar um papel na sua vida.» (p. 67.)

«Ali estava o Manuel! [...] Era aquele o Manuel! Aos gritos, em eco, a Bruxa rápido lho assinalara. O perfil de Manuel desenhava-se, nítido, sobre a parede forrada. E gritos, e vozes, e eco, soavam junto dele, e vinham morrer junto de Aninhas, como um elo de predestinação inevitável.» (p. 178.)